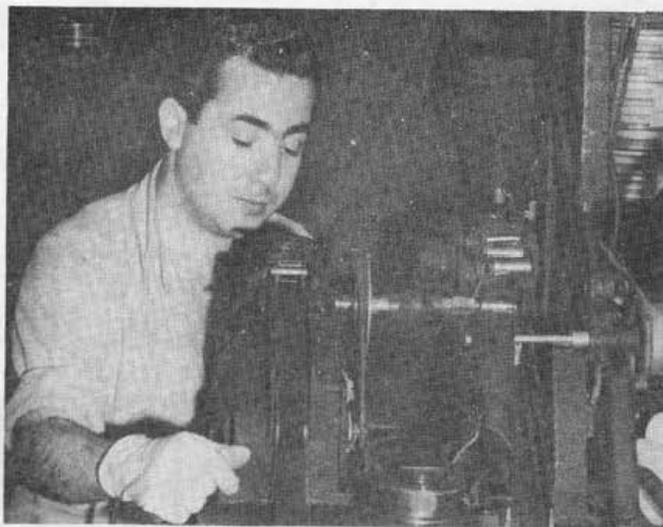




RAFAEL JUSTO VALVERDE



Sua Excelência o Montador

"Nunca pensei em passar a diretor", afirma Rafael Justo Valverde, que ostenta hoje entre seus troféus o Prêmio INC e a Coruja de Ouro/1971, pela montagem de **A 300 Km por Hora, Em Família e Azylo Muito Louco**. "Minha maior satisfação é contribuir para a unidade de um filme", faz questão de frisar. Certamente por isso, o tranqüilo carioca da Penha, dono de um sexto sentido para o tempo", o ritmo, o relacionamento entre planos que dá coerência e impacto, emoção e poder de reflexão à obra de cinema, está entre os profissionais mais disputados do cinema brasileiro, com mais de 100 filmes em seu currículo de montagem.

O prazer do ofício cresceu "quando o cinema se libertou dos antigos preconceitos." Em outros tempos o montador "era obrigado a cronometrar até um beijo", a "reduzir a emoção do espectador ante uma cena de amor, especialmente quando envolvia nudez". A contragosto o técnico participava de uma fuga ao real. A maior liberdade que o cinema passou a desfrutar após a Segunda Guerra Mundial também abriu caminhos novos para o montador. "Razões econômicas influíram nessa transição: as antigas fusões, por exemplo, ficavam muito caras. A 'pontuação' com recurso aos escurecimentos ('fade-in', 'fade-out') saiu de moda e o corte passou, em geral, a ser direto. Com isso ganhou o ritmo, ganhou a linguagem do cinema. No Brasil, os elementos do Cinema Novo foram os que mais rapidamente procuraram acompanhar a evolução. Também na técnica o cinema acompanhou a nova realidade."

O que traz maiores dificuldades ao montador? "São as improvisações, frequentes nas seqüências de exteriores. Quando os diretores se deixam levar pela beleza dos ambientes, criam cenas não previstas no roteiro, e que causam problemas para a sala de montagem."

Valverde gosta muito de trabalhar com Roberto Farias. "Roberto já foi montador e é um dos diretores que fornece melhor material para a coordenação. Mas os dois trabalhos que mais me agradaram, entre os que empreendi como montador, foram **Um Ramo Para Luiza**, de J. B. Tanko, entre os menos recentes, e **Os Machões**, de Reginaldo Faria, entre os novos. Por outro lado,

sempre tive uma superstição contra os filmes relacionados com esporte, mas **A 300 Km Por Hora**, de Roberto Farias, foi um dos motivadores de minha Coruja de Ouro..."

A necessidade de trabalhar fez com que Rafael Valverde, a partir dos 14 anos, aceitasse alguns modestos empregos. Muito preso ao batente, não pôde completar o curso científico. Aos 18 anos começou a trabalhar na oficina mecânica de um primo que fabricava máquinas reveladoras e copiadoras para a Atlântida. Esta circunstância aproximou-o da produtora de filmes, na qual, em 1942, ingressou como mecânico. Foi um caso de amor à primeira vista sua relação com o cinema: encerrado seu expediente, permanecia nas dependências da Atlântida, observando filmagens, gravações, serviços de laboratório.

Moacyr Fenelon, cineasta que entendia de cinema e de paixão cinematográfica, sentiu logo o interesse do rapaz e arranhou-lhe a oportunidade de aprendizado (em diversas funções técnicas). Efetivado no laboratório, sempre que possível Rafael dava um jeitinho de penetrar na sala mágica onde os "rushes" ganhavam ordem, as tiras de película se amalgamavam e o faz-de-conta criava vida, persuasão. Ele sentia que seu destino profissional seria definido na moviola. Quando Fenelon deixou a Atlântida e fundou companhia própria este o ajudou a dar o passo decisivo: **Obrigado, Doutor!**, 1948, a produção inaugural da Cine Produções Fenelon, nos créditos 'Montagem de Rafael Justo Valverde'. Um crédito que se multiplicaria no

correr dos anos, junto aos nomes de cineastas veteranos e novos, contribuindo para firmar novos tetos de eficiência técnica e expressividade artística para o cinema brasileiro.

Valverde encontrou seu caminho em boa companhia e em hora propícia. **Obrigado, Doutor!** (no qual também atuou como assistente do fotógrafo Afrodísio de Castro) constituiu um momento de impacto popular do cinema brasileiro da década de 40. Em 1950, Cine Produções Fenelon deixou de existir, em consequência da associação do produtor-diretor com Rubens Berardo, que deu origem à Flama Filmes. Valverde continuou com Fenelon na Flama, trabalhando depois para os produtores Ronaldo Lupo, Herbert Richers, Jece Valadão, Ruy Santos, J. B. Tanko — entre outros. Vários filmes que ele montou marcaram época no cinema brasileiro, como **Rio 40 Graus** e **Vidas Secas**, de Néelson Pereira dos Santos, **Assalto ao Trem Pagador**, de Roberto Farias, **Deus e o Diabo na Terra do Sol**, de Gláuber Rocha. Nos últimos anos Valverde tem participado com especial assiduidade das equipes da R. F. Farias, para a qual montou, recentemente, **Os Machões**, de Reginaldo Faria, e **Toda Nudez Será Castigada**, de Arnaldo Jabor.

Em 1954, foi premiado pelo periódico "Jornal do Cinema", pelo filme **Rua Sem Sol**. Em 1964, conquistou o Prêmio Governador do Estado (de São Paulo) por **Vidas Secas** e **Deus e o Diabo na Terra do Sol**. E, em 1968, com **Fome de Amor**, recebeu um prêmio no Festival de Belo Horizonte.